

Luiz Viana David

Eu tinha sete anos em agosto de 1954. Ainda não estava no grupo escolar. Por ter nascido num mês de junho, começaria o curso primário apenas em 1955. Minhas irmãs, Luiza, Lúcia e Lizaura eram alunas numa escola de freira que ficava a cem metros de nossa casa, na Vila Magnesita, na divisa de Belo Horizonte com Contagem. A caçula Lílian ainda não tinha completado o primeiro aniversário; o caçula definitivo, Lésio, só nasceria dois anos depois e o primogênito Lúcio, era interno do Instituto João Pinheiro, uma fantástica instituição onde os alunos estudavam e aprendiam uma profissão. Assim, eu ficava em casa como companhia de minha mãe, quando meu pai, ferreiro de profissão, saía para o trabalho, na Magnesita, onde era operário já há alguns anos. A região onde ficava o bairro operário era mesmo uma imensa fazenda, com enormes áreas ainda desocupadas, entre um ou outro galpão, de indústrias ainda incipientes, que mais tarde se transformariam no pujante parque industrial de Contagem, um dos maiores do Brasil. Não raro, a molecada da vila ia até o bairro Barreiro, a pé, cortando caminho pelo meio do mato, atravessando o lugar chamado Ferrugem, onde havia uma estação da Central do Brasil, região que hoje atende pelo nome de bairro das Indústrias, até chegar ao Barreiro, que naquele tempo se tivesse o nome de “atoleiro”, ninguém ia notar a diferença. Eu levei muitos anos para entender porque o Barreiro pertencia ao município de Belo Horizonte e a região que ficava em frente, só que no lado oposto da avenida Amazonas, era território de Contagem.

No início do mês de agosto houve uma grande movimentação na nossa vila. Só se falava na inauguração de uma nova fábrica, a Mannesman, à qual muitos se referiam como se a palavra fosse oxítone e, outros, como se proparoxítone fosse, confusão que permanece sessenta anos depois. O fato é que para inaugurar a poderosa indústria alemã, viria ao Barreiro ninguém menos do que o idolotrado presidente Getúlio Vargas. O governador Juscelino, mesmo queridíssimo pelo povo, sua presença não importava muito, considerando que de vez em quando dava as caras na Cidade Industrial. Os meninos da vila Magnesita ficamos alvoroçados com a notícia, livres e soltos naquele mundão, não haveríamos de perder por nada a tal inauguração. Eu era dos menores, mas cismeí de ir também, claro que escondido de dona Zinha, que costumava ficar nervosa com meus sumiços. E fomos em bando, liderados por um menino mais velho, de nome Tõezinho, filho de um carpinteiro da fábrica onde meu trabalhava, de nome Josafá, mas que o bairro todo conhecia por sô “Fazinho”. Quando chegamos, a comitiva presidencial já estava de volta, a enorme poeira levantada pelos grandes carrões pretos oficiais, obrigava os motoristas a guiarem em baixa velocidade, de forma que nós, os moleques, à beira da estradinha, só pudemos ver o presidente Getúlio de relance, por alguns segundos, outros moleques ainda correram ao lado do carro, balançando as mãos e gritando nome do presidente, que estava sentado no banco traseiro ao lado do governador Juscelino. Na verdade, eu mal consegui vislumbrar o rosto presidencial, que me pareceu sério demais, escondido até a testa pelo chapéu.

Quando cheguei em casa, na volta do dia, faminto e empoeirado, dona Zinha aplicou-me uma tunda de cinto, da qual nunca mais esqueci. Antes de autorizar meu almoço fez-me entrar numa grande bacia (não havia chuveiros na vila) e despejou em cima de mim um grande balde d'água. Depois de limpo, para vestir, deu-me uma calça que era do meu irmão Lúcio e assim, alguns números maior. Como a calça estava sempre caindo por ser larga, e eu proibido de amarrá-la até mesmo com com barbante, fiquei refém em minha própria casa por uns dois ou três dias, com pelo menos uma das mãos ocupadas segurando a indumentária. Mas não fiquei revoltado, considereei o castigo à altura da aventura, afinal eu havia visto de perto o grande ídolo do meu pai, o presidente Getúlio Vargas, o "Pai dos Pobres".

Uma das minhas tarefas diárias, era a de levar o almoço de meu pai até a Magnesita, que ficava na avenida Amazonas, onde ainda está em 2014. A fábrica não ficava distante da vila operária, talvez menos de dois quilômetros. Alguns minutos antes das onze horas, eu descia com a marmitta queimando de quente, embrulhada em um pano, e uma garrafinha cheia de café, para entregar ao meu pai na portaria da fábrica. Às vezes eu levava também o almoço de um mestre-torneiro tchecoslovaco, que morava na casa ao lado da nossa, o nome dele era Hermann Brabeck e a mulher dele, dona Maria, magrinha e de olhos azulinhos, eles não tinham filhos. Aos domingos dona Maria dava-me alguns tostões em paga, o suficiente para garantir o ingresso na matinée do cinema Itaú, que ficava exatamente onde em 2014 estão os cinemas do shopping Itaú Tower.

Mas naquele dia 24 de agosto de 1954 tudo seria diferente. Logo depois de atravessar a Praça A (hoje Louis Ensich), no passeio ao lado do Pastifício Vilma, diante da antiga fábrica de postes CAVAN, observei que uma multidão descia a avenida Amazonas. Eram centenas de pessoas, talvez alguns milhares, todas gritando o nome do presidente Getúlio. Foi assustador para mim, um moleque de sete anos, ver aquela manifestação. Corri em direção ao portão da fábrica, que parecia enorme aos meus olhos de menino. E eu achava aquele portão uma maravilha tecnológica, simplesmente pelo fato de correr sobre trilhos. Muitas vezes, enquanto esperava meu pai vir buscar a marmitta, eu ficava pegando carona no portão, para desespero do porteiro. Naquele dia, cheguei a tempo de ver a multidão enfurecida derrubar o portão e invadir a fábrica, obrigando a sua paralisação. Ao cair, tombado para o lado de dentro com enorme estrondo, o caminho ficou aberto para a multidão. Eu lá no meio daquele tumulto todo, sendo empurrado, abraçado com as duas marmittas, quando avistei meu pai correndo na direção contrária, rumo à portaria, e atrás dele o ofegante sô Brabeck, com seu bonezinho de golfista e óculos de fundo de garrafa. Quando meu pai me viu, correu em minha direção, pegou-me pelo braço e desviou-nos do restante dos revoltosos. Nem ele, nem o velho tcheco-slovaco pensaram nas marmittas que eu continuei carregando. Saímos por um portão lateral, que ficava em frente à fábrica de farinha Mani e fomos em direção ao bar que ficava na esquina da Amazonas, e pertencia a um eletricista da Magnesita, sô Antonio de Oliveira, que depois seria padrinho do meu irmão Lésio. Meu pai frequentava aquele bar nos finais da tarde, após a

jornada de trabalho, mas naquela hora do dia todos os amigos dele estavam lá, com os ouvidos atentos ao rádio, que a cada momento dava informava sobre a morte de Getúlio Vargas, que havia se suicidado duas ou três horas antes. Só então eu fiquei sabendo do ocorrido. O clima no bar era de consternação e tristeza, como se cada um dos presentes ali tivesse perdido o próprio pai de maneira inesperada e trágica. O que certa forma era verdade, pois mais do que nunca, naquele momento pude constatar pessoalmente que o presidente morto era de fato o pai dos pobres, o defensor dos “trabalhadores do Brasil”, a quem ele dirigia seus principais discursos. Naquele dia, mais falado do que o nome de Getúlio, apenas o de outro político, que ganhou a minha ojeriza eterna desde então: Carlos Lacerda, de quem eu nunca tinha ouvido falar, mas todos o culpavam pelo ato extremo do nosso pai, ou melhor, do presidente Vargas. E três letrinhas, repetidas à exaustão, também ficaram gravadas na minha memória: UDN; sigla que para mim era sinônimo de Carlos Lacerda e que devia ser combatida sempre.

Foi a primeira vez que eu ouvi o ronco das ruas, dos trabalhadores, do povo na sua mais pura essência. Ouviria novamente semelhante ronco oito anos depois, em 1962, em menores proporções, mas tão impactante quanto. Foi quando, já morando em Pará de Minas, vi de perto os trabalhadores de minha cidade: operários, comerciários, bancários, trabalhadores rurais, o proletariado enfim; carregando nos ombros o bombeiro hidráulico Walter Martins Ferreira, o “Walter do sô Augusto Bombeiro”, que acabava de ser consagrado nas urnas o primeiro prefeito operário, talvez do Brasil. Foi de arrepiar aquela passeata, para mim então, um ginásiano, foi como se estivesse assistindo as manifestações jubilosas ocorridas após a assinatura da Lei Áurea, pela princesa Isabel. O prefeito eleito era do partido PTB, o mesmo partido fundado por Getúlio Vargas, o que por si só já lhe garantiria minha simpatia; que era ainda maior pelo fato de ser também o mesmo partido do presidente João Goulart. A eleição do petebista Walter Martins foi um divisor das águas políticas em Pará de Minas. O prefeito eleito derrotara de uma só vez todas as poderosas oligarquias políticas patafufenses, que se revezavam no poder municipal há mais de cem anos e a ele só retornariam vinte e oito anos depois, com a eleição para prefeito do fazendeiro e empresário Inácio Franco.

O prefeito Walter Martins se tornou uma tração política, sempre que era recebido, não apenas nos gabinetes dos poderosos mineiros, assim como nos de Brasília, era sempre anunciado como “o homem que derrotou de uma só vez o Valadares e o Magalhães”. Há poucos anos fiz uma entrevista com Walter Martins, durante a qual ele se emocionou duas vezes: ao falar de seu amigo Jango Goulart e do presidente Getúlio Vargas, quando seus olhos lacrimejaram. Walter estreou na política elegendo-se vereador em 1954, menos de sessenta dias depois da morte daquele, que para ele também, foi o maior brasileiro de todos os tempos, o maior de todos os amigos dos trabalhadores do Brasil, o Pai dos Pobres: presidente Getúlio Dornelles Vargas.

Fonte: <http://www.estamosassim.com.br/getulio-vargas-e-eu/> texto retirado em 24.08.2014.